

# VIDA, LIBERDADE E RESPONSABILIDADE EM HANS JONAS

Eduardo José Lima de Oliveira\*

**RESUMO:** Apresenta-se a nova ética concebida pelo filósofo alemão Hans Jonas a partir da análise e relação dos conceitos de vida, liberdade e responsabilidade, os quais são fundamentais a um novo agir como uma teleologia voltada primariamente para a vida. Esse novo agir possui como principal tarefa a preservação do Ser, pois o novo contexto que emergiu do avanço técnico-científico coloca em risco a *vida*. Mediante a insuficiência das éticas tradicionais e a necessidade do dever do homem com a vida que esse novo agir surge. Vida não limita-se somente ao que está na circunferência do humano, ela está para além tanto dos limites da humanidade quanto das presentes gerações. Ou seja, um novo agir deve levar em conta todas as formas de vida quanto as futuras. No homem, um fator importante e determinante para a afirmação da vida consiste no uso de sua liberdade. Esse modo de agir do homem, o agir livre, não pode ser executado sem que haja limites. A *liberdade* deve ser acompanhada da *responsabilidade* e a liberdade ponderada pelo *temor* da negação da vida. Por fim, o homem possuiu deveres morais não somente nas relações humanas, o *dever ser* do homem precisa estar voltado para a vida que abarca a totalidade do Ser, homem, natureza e futuras gerações. Posto esta prerrogativa, será ressaltado a *heurística do temor* como uma importante ferramenta à aplicação desse *dever ser* responsável. O medo da possibilidade de não-vida é um exemplo do uso desse dispositivo metodológico.

**PALAVRAS-CHAVE:** vida; liberdade; responsabilidade; ética.

## LIFE, LIBERTY AND RESPONSIBILITY IN HANS JONAS

**ABSTRACT:** Our proposal is to introduce the new ethics conceived by the German philosopher Hans Jonas from the analysis and relationship of the concepts of life, liberty and responsibility, which are fundamental to a new act as a teleology primarily intended for life. This new act has as its main task the preservation of Being, because the new context that emerged from the technical-scientific advancement endangers life. Upon failure of traditional ethics and the necessity of man's duty to the life that this new act arises. Life is not limited only to what is on the circumference of the human, it is beyond both the limits of humanity as the present generations. I.e., a new act should take into account all forms of life and future. In man, an important and decisive for the affirmation of life factor is the use of their freedom. This manner of the man, free to act, can not run without limits. Freedom must be accompanied by responsibility and freedom weighted by the fear of denial of life. Finally, the man possessed moral duties not only in human relations, be the duty of the man must be facing a life that embraces the totality of Being, man, nature, and future generations. Tour this prerogative, will be highlighted heuristic of fear as an important tool to implement that should be responsible. The fear of the possibility of non-life is an example of using this methodological device.

**KEYWORDS:** life; freedom; responsibility; ethics.

## 1 INTRODUÇÃO

O período da atual da história que é denominado de *pós-modernidade* é intensamente marcado pelo grandioso avanço da tecnologia e da ciência.

\* Graduado em Filosofia, 2004/2008 (UFPI). Graduado em Teologia, 2003/2007 (STBT). E-mail: edu-1902@hotmail.com / pr.eduardo87@gmail.com

Nunca a técnica do homem evoluiu tão apressadamente como se vê. Um questionamento pertinente que se levanta, e que é um dos principais temas dos escritos do filósofo Hans Jonas, é: *está o homem preparado para receber tamanho poder?* Pois, mediante tudo o que tem acontecido em detrimento da desmedida capacidade técnica do homem, é colocado em xeque a habilidade moral do homem em lidar com esse novo problema.

Em sua principal obra, *O Princípio Responsabilidade* (2006), ele procura mostrar a crise que é gerada entre a incongruência do crescimento do poder técnico-científico do homem e sua capacidade ética e moral de lidar com essa nova situação, pois ética alguma vigente é capaz de lidar com esse que também é um problema de ordem moral para o homem.

Na obra magna do filósofo alemão é possível notar que ele procura mostrar isso analogamente através do famoso canto do coral da *Antígona*, de Sófocles<sup>1</sup>. Este coro como se dá essa relação de poderio do homem sobre a natureza, de como anteriormente a ação humana era inofensiva ao planeta e como tal situação mudou com o avanço da técnica. Daí a preocupação em propor uma nova ética, um agir capaz de ser significativo dentro desse novo contexto de avanço científico, um agir que não leve apenas em consideração a vida do próprio ser humano, um agir que não se preocupe apenas com as presentes gerações, mas um agir que priorize acima de qualquer prerrogativa a vida como fim ontológico do agir humano.

O resultado de nossa investigação consiste em mostrar que, nessa proposta de Hans Jonas, o ponto de maior destaque e que também se mostra como o grande diferencial de sua proposta ética, é sua preocupação moral com a vida. Esse novo agir se distingue dos tradicionais quando chama a atenção para o princípio da responsabilidade, principal característica dessa ética retificada. Na proposta de Jonas o homem não é levado em conta como uma forma de vida privilegiada. A preocupação maior e central dessa nova ética está fundada na preocupação de preservação e permanência da vida, e vida autêntica no futuro do planeta.

Também será aqui apresentado, a partir da aplicação e do uso da liberdade em Hans Jonas, uma exposição a respeito da liberdade humana que respeita e se dá em favor da vida. E, ainda, problematizaremos o fato de como a vida possui em si mesma uma valoração que a capacita a ser levada em consideração pelo agir moral, ou seja, a ideia de “bem” aqui é autônoma, “de acordo com

---

<sup>1</sup> JONAS, 2006, p. 31.

sua própria definição, esse bem ou valor, quando existe por si mesmo e não graças a desejo, necessidade ou escolha, é algo cuja possibilidade contém a exigência de sua realização”<sup>2</sup>. Também nos propomos a apresentar que a vida possui um bem implícito, ou seja, ela possui valores próprios os quais precisam ser reconhecidos pelo homem, o ente que exerce de forma ativa e significativa sua liberdade sobre o Ser. As consequências do mau uso da liberdade da ação humana são capazes de alterar o estado da vida, por isso entendemos e concordamos com o pensamento jonasiano ao afirmar que “a axiologia se torne uma parte da ontologia”<sup>3</sup>.

Em consequência, levantamos a discussão a respeito da *heurística do temor* que é utilizada por Jonas como um dispositivo que visa despertar no homem o senso ou sentimento de responsabilidade que possibilita ao homem enxergar a importância da preservação de vida autêntica. Tendo o princípio moral da responsabilidade como centro desse novo agir, Jonas lança mão da heurística do temor que ajudará o homem a chegar à compreensão da necessidade de responsabilidade para que possa haver a produção de um agir capaz de lidar com este novo contexto tecnológico.

A conclusão se dará em fazer uma ponte a respeito da estreita relação que precisa haver entre liberdade e responsabilidade, como sendo um dos fatores que possibilitará a permanência de vida autêntica no futuro do planeta. Acentuando a importância que é dada por Jonas à heurística do temor. E assim, enfatizando também a significação dessa relação em meio ao risco de negação da vida, pois o centro teleológico que dá fundamentação a esse novo modo do agir humano é a vida como bem maior.

37

## **2 A CENTRALIDADE DA VIDA NA FILOSOFIA MORAL JONASIANA**

### **2.1. Um breve diagnóstico da situação: o risco da não-vida**

Neste início do século XXI, como resquícios do final do século XIX e de todo o século XX, há grande preocupação em relação à vida; nunca o homem se preocupou tanto com a questão do meio ambiente como tem acontecido atualmente. E o que se pode inferir é que essa preocupação imediata não brotou necessariamente de um interesse pelo meio ambiente pelo meio ambiente, mas sim de um mal-estar que se estabeleceu na humanidade: o medo de sua própria

---

<sup>2</sup> Idem, p. 149.

<sup>3</sup> Idem.

extinção. E isso desemboca numa reflexão filosófica de ordem ético-moral a respeito do ser e da vida, pois a partir de um simples diagnóstico feito a respeito das causas que levaram o homem, e toda forma de vida a tal situação, chegue-se à conclusão de que a ação humana tem sido o principal meio causador dessa situação desastrosa, talvez até mesmo, podemos assim dizer, o homem seja o único culpado. O próprio Jonas aponta para essa ação como sendo de responsabilidade primária do homem ao afirmar que:

A violação da natureza e a civilização do homem caminham de mãos dadas. Ambas enfrentam os elementos. Uma, na medida em que ele se aventura na natureza e subjuga as suas criaturas; a outra, na medida em que erige no refúgio da cidade e de suas leis um enclave contra aquelas. O homem é o criador de sua vida como vida humana. Amolda as circunstâncias conforme sua vontade e necessidade (...)⁴.

Ora, a *vontade* humana consiste num fator determinante às consequências desastrosas nas quais ele mesmo se colocou, o uso da vontade com o fim de suprir anseios e desejos de forma desmedida é que conduziu o homem a tal situação na qual a vida deixa de ser um fim e se torna um meio de subserviência. Esse caráter destrutivo no qual está o mundo, se mostra visível nas drásticas mudanças climáticas, super epidemias, o aumento da temperatura do planeta, o crescimento do buraco na camada de ozônio, mostra que as consequências da ação do homem é que tem colocado em risco a vida.

Tal situação possibilitou que ele mesmo chegasse à compreensão de que suas ações, executadas de forma desenfreada e irresponsável consistiam no principal fator que estaria causando (e ainda está) a destruição do planeta e colocando em risco a integridade da vida e, conseqüentemente, sua autodestruição. O homem tem colocado em risco a possibilidade de vida autêntica no futuro do planeta e até mesmo a possibilidade de existência de qualquer outro tipo de vida.

A base de todo esse problema que foi gerado e que é capaz de provocar no homem a angústia e o medo mediante o risco da não-vida se deu por via do “domínio” da técnica. Por sua vez, mediante tal diagnóstico foi que surgiu a necessidade da formulação de uma nova moral que fosse capaz de suprir as novas necessidades da ação humana. A técnica, que num instante se mostra como um instrumento de valor altamente benéfico à humanidade, agora, mediante às novas circunstâncias, se mostra também nociva, não que ela em si

---

⁴ Jonas, 2006, p. 32.

própria tenha valor negativo, o modo como o homem a tem manipulado e sua incapacidade de fazê-lo a tornaram perigosa. E é exatamente aqui que Jonas aponta a grande desproporção entre a capacidade de domínio do homem e o poder da técnica.

Hans Jonas abre as portas do problema para nós ao situar o lugar que a técnica ocupa na civilização ocidental pelo crivo do seu princípio responsabilidade, conectando o poder que a técnica proporcionou ao ser humano com uma obrigação ética que advém com ela. Ele nos lembra que somos tecnologicamente poderosos, mas finitos e sujeitos às mesmas consequências de seus usos, pois estamos mergulhados no mesmo universo da matéria e da natureza<sup>5</sup>.

Ora, ao passo que ele afeta a vida que envolve todo o meio ambiente, ele também afeta a sua própria vida e a possibilidade de vida autêntica e existência das futuras gerações. “Pois meio ambiente não são apenas aquelas regiões especiais que nos preocupamos em proteger (...). O meio ambiente abrange não apenas o ambiente natural mas também o ambiente construído pelo homem e certamente que também o próprio homem”<sup>6</sup>. Isso significa que estamos falando do meio ambiente não somente enquanto vida orgânica, mas também no que diz respeito a tudo que classificamos como inorgânico.

## 2.2. Novo contexto, novos poderes, novo agir em favor da vida

É necessário acentuar que vida não somente o é enquanto fato presente, a preocupação com a vida necessita de ser estendida, e isso levando também em conta as gerações futuras. Por isso a necessidade da presença do sentimento de responsabilidade em relação àqueles que ainda viram a existir e não somente àqueles que estão presentes que podem reclamar por seus direitos, pois também devem ser levados em conta os direitos daqueles que ainda não tem como reclamá-los exatamente pelo fato da ideia da vida se estender também a eles. Jonas assevera que um novo modo de agir exige o abandono de alguns ideais morais tradicionais. Neste sentido podemos concordar com Jonas quando ele faz a seguinte colocação:

Mas a ética almejada lida exatamente com o que ainda não existe, e o seu princípio da responsabilidade tem de ser independente tanto da ideia de um direito quanto da ideia de uma reciprocidade – de tal modo que não caiba fazer-se a

---

<sup>5</sup> CARVALHO, Helder Buenos Aires de. *Responsabilidade como princípio e virtude: uma reflexão sobre o desafio ético da técnica contemporânea a partir das teorias morais de Hans Jonas e Alasdair Macintyre*, in: SANTOS (org.), 2011, p. 160.

<sup>6</sup> JAMIESON, 2010, p. 17.

pergunta brincalhona, inventada em virtude daquela ética: “O que o futuro já fez por mim? Será que ele respeita os meus direitos?”<sup>7</sup>

Essa questão da *reciprocidade* consiste em um dos maiores paradigmas a ser superado pela presente geração, a atitude altruísta que se limita numa prática de reciprocidade, algo que facilmente identificamos nas éticas tradicionais, precisa ser mudada, incondicionada, isenta da recíproca. Jonas não propõe uma ética enxertada da ação recíproca na qual o homem mantém um vínculo de responsabilidade de si para consigo mesmo de maneira imediata, sem que leve em consideração as futuras gerações e também a natureza: “seu verdadeiro destinatário é a práxis coletiva; a preocupação básica de Jonas diz respeito aos efeitos remotos, cumulativos e irreversíveis da intervenção tecnológica sobre a natureza e sobre o próprio homem”<sup>8</sup>.

Com isto, fica evidente que há um grande rompimento com certos valores que estavam já enraizados dentro de alguns dos principais sistemas morais. O direito à vida é algo que pertence à todas as formas; o direito à vida não é algo que somente pode ser reivindicado condicionalmente às formas presentes de existência, ele já está implícito na ideia de Ser. Por este motivo, pode-se entender que a responsabilidade do homem em relação à vida não pode ser condicionada a fatores quaisquer que sejam: esse é um dever do homem enquanto Ser. As futuras gerações não precisam e não tem que reclamarem seus direitos, ou mesmo o meio no qual o homem está inserido não precisa lançar mão de direitos.

É certo que nem toda a humanidade já tenha se dado conta desse problema, de que nós, seres humanos, somos responsáveis pela vida ou não-vida no planeta. Porém, não somente uma pequena parcela da humanidade deve ter tal consciência, mas sim toda ela, ou pelo menos a maioria. Deve haver uma consciência coletiva em favor da vida que pondere seus atos na balança da responsabilidade.

O avanço da tecnologia e da ciência foi tão grandioso e tão surpreendente para a humanidade que isso exigiu dela, de forma prematura, uma responsabilidade que ainda não estava (ou ainda não está) preparada a assumir, foi posto

---

<sup>7</sup> JONAS, 2006, p. 89.

<sup>8</sup> JUNIOR, Oswaldo Giacoia. *Hans Jonas: o princípio reponsabilidade*, in: OLIVEIRA (org.), 2000, p. 194.

em suas mãos um poder incongruente com sua capacidade de decisão. No prefácio de *O Princípio Responsabilidade* Jonas descreve esse quadro da seguinte maneira:

O Prometeu definitivamente desacorrentado, ao qual a ciência confere forças antes inimagináveis e a economia o impulso infatigável, clama por uma ética que, por meio de freios involuntários, impeça o poder dos homens de se transformar em uma desgraça para eles mesmos<sup>9</sup>.

O mito de *Prometeu* é famoso por retratar a história do Titã que roubou o fogo dos deuses para os homens, o qual, e isto é o que representa o mito, “é condenado por Zeus, por fornecer as condições ao homem para sair de seu estado deplorável. Dá-lhes o fogo e o conhecimento sobre as artes, inspira-lhes a revolta contra a miséria, o que lhes impulsiona rumo ao *progresso*”.<sup>10</sup> A busca que tende a esse “progresso” é que tem sido realizada de forma desmedida, a ponto de colocar em risco a integridade do homem e da vida.

Isso mostra que o avanço desenfreado da ciência, em conjunto com a incapacidade ética humana de lidar com essa nova realidade, pois o contexto tecnológico e científico é totalmente novo à humanidade, novo às éticas já vigentes, fez que isso se tornasse um fator definitivo para colocar em risco a vida tanto do homem como a vida existente em todo o planeta. Isso nos remete a afirmar que as ações humanas não estão sendo pulsadas pelo desejo de um bem à vida, não estão sendo pensadas por um *viés* racional mais ampliado que se proponha a pensar na ideia da possibilidade de preservação do Ser. E estas se mostram cada vez mais sendo movidas pela vontade do avanço tecnológico, pelo desejo econômico e capitalista nos quais o homem tem afundado cada vez mais em busca da manutenção de um modo de vida menos significativo. Ou seja, as ações humanas são realizadas levando em consideração a técnica pela técnica, o progresso pelo progresso, e não mais estes em favor da vida.

Ao propor esse novo agir Jonas frisa o fato de que todas as éticas tradicionais não são capazes de dar conta desse novo contexto tecnológico e científico tão avançado no qual se encontra a humanidade, pois o grande problema com todas essas éticas tradicionais é que elas não levam em conta a vida em si, mas somente a vida enquanto vida humana, o bem estar desta espécie. No entanto, a proposta de nossa investigação, em consonância à de Jonas, não somente leva em consideração a vida do homem, ela coloca o Ser sempre a favor de si, contra

---

<sup>9</sup> JONAS, 2006, p. 21.

<sup>10</sup> DUPAS, 2006, p. 33.

o nada. Porém todas essas éticas anteriores são antropocêntricas, estão somente preocupadas com a relação do homem com o próprio homem, com a preservação da vida enquanto vida humana. Jonas afirma que a “significação ética dizia respeito ao relacionamento direto de homem com homem (...) toda ética tradicional é antropocêntrica”<sup>11</sup>. Se tomarmos, por exemplo, o agir proposto pela ética kantiana poderemos observar um notório distanciamento que é feito pela nova proposta jonasiana, pois o próprio Jonas considera “a moral do filósofo de *Konigsberg* ultrapassada, devido ao círculo relativamente restrito de interações humanas que o imperativo categórico busca pretensamente abarcar (...) não há registro na moral de Kant de deveres a serem cumpridos aos membros de gerações futuras ou de uma obrigação por parte dos humanos com a natureza não-humana”<sup>12</sup>.

42 | A vida está para além do que simplesmente a vida humana, a realidade é que a vida do homem é apenas uma pequena e, certamente, uma ínfima parcela do que se abrange o conceito vida, a totalidade do Ser que consiste na plenitude das formas de vida na natureza, no mundo e até mesmo, assim podemos dizer, no universo. Daí que a preocupação ético-moral do homem não deve se restringir somente a ele mesmo e nem somente às presentes gerações, mas a preocupação do homem deve ser com todo o planeta, todo ecossistema com o qual tem intrinsecamente ligada a sua vida. Esse novo agir também está pronto a lidar com a não existência, no sentido de levar em conta aqueles que ainda nem mesmo vieram à vida, pois sua preocupação deve se estender àquelas gerações que ainda passarão a existir. Por isso, a preocupação ética não deve ser restringida à relação do homem consigo mesmo no aqui e agora, mas sim com a vida, e a vida não se restringe ao homem, ele é apenas uma parte dela.

### 2.3. A vida para além da humanidade

Podemos analogamente comparar a vida a uma grande rede da qual o homem constitui-se um participante acentuadamente ativo, mas não que ele em si e por si seja essa rede. Essa ideia de rede remete-se a um conjunto de participações das quais o homem possui importante função. Vida deve ser entendida como sendo o conjunto de muitas existências e não-existências, não apenas uma única existência, neste caso a existência do homem, deve ser levada em conta as presentes e futuras gerações como todo o meio que os envolve.

---

<sup>11</sup> JONAS, 2006, p. 35.

<sup>12</sup> HECK, José N. *O princípio responsabilidade e a teleologia objetiva dos valores*, in: SANTOS (org.), 2011, p. 64.

É notório que em meio a um mundo quase todo que capitalista, os desejos e as vontades voltados quase que totalmente ao poder, tem sido um dos combustíveis que alimenta esse direcionamento que a humanidade tomou rumo à destruição do planeta. A preocupação maior da humanidade não é com a vida, antes o homem tem se preocupado em como aumentar suas riquezas, suas fontes de energia, e a busca incessante por comodidade. Não que essa seja uma busca de toda errada, o problema é que tais objetivos são buscados sem medida, totalmente de forma irresponsável e egoísta. A humanidade não tem levado em consideração as catastróficas consequências que podem ser geradas por suas ações, ela mesmo tem posto de lado o valor de “bem” do Ser, ou seja, o principal fator que deveria ser levado em conta na ação humana; além da presente geração a consciência sobre o meio ambiente e sobre as futuras gerações deveria permear a postura reflexiva do homem a respeito do mundo. O homem, no seu agir, não consegue perceber que sem vida não pode haver nem riquezas, nem bem estar, nem prosperidade; sem vida não pode haver nada, pois a vida consiste no princípio básico da própria vida.

Ao contrário do que alguns possam acreditar, vida não se resume à forma humana e nem possui como centro o homem. De certa forma, o homem pode ter uma centralidade, a de que ele viria a ser o único capaz de assumir a responsabilidade por tudo o que acontece à vida, pois não se pode dar essa responsabilidade às plantas, aos animais selvagens ou a qualquer outra forma de vida que não seja o homem. Essa é uma responsabilidade que é e precisa ser do homem.

Por muito tempo, e talvez ainda hoje, tem sido alimentada a ideia de que o homem é o centro de toda criação, o ente superior, mais evoluído, como se ele fosse a medida de todas as coisas. A prova disso está exatamente no que é apontado por Jonas a respeito das éticas tradicionais que são todas elas imediatistas e antropocêntricas. Também a partir do pensamento dualista tradicional foi levantado a afirmativa de que somente o homem é ente que tem disposição e merecimento à vida, pelo fato de que supostamente ele é possuidor de consciência, como se as outras formas de vidas não sofressem nenhum tipo de afeto em decorrência das ações humanas. É como se o conceito de vida fosse dependente do ter consciência, ou seja, onde há consciência (racionalidade) também há vida. Mas aí é que entra outro grande problema: “Mas o que é ter consciência?”

Porém, a despeito da teoria evolucionista, a qual coloca as espécies “mais evoluídas” em evidência, como formas de vida superiores, Jonas mostra um pensamento distinto. Ele mostra que a vida está para além das habilidades e faculdades do ser humano e que o conceito vida se estende para além de seus limites. A vida não se resume a uma lógica mecânica que sempre está apontando para o homem como o ser que tem a vida e todo o controle sobre esta, pelo fato deste ser ‘o mais evoluído’, o ser da razão. A vida é muito mais do que isso, ela não se apega somente a um conceito metafísico que a apresenta como uma junção entre duas entidades, uma material e outra espiritual, como o é apresentado pela cultura judaico-cristã que também coloca o homem acima das demais formas de vida. Jonas entende que o mundo é constituído como organismo vivo. A ideia de Ser, de natureza, não pode ser reduzida ao humano, ou somente àquilo que se faz presente, a natureza como ela é, como também o homem enquanto ser do aqui e agora. A ideia de Ser e de vida que concebe Jonas está para além, ele tem uma concepção ontológica da vida, a qual apresenta da seguinte maneira:

44

O Ser, ou a natureza, é uno e presta testemunho de si naquilo que permite emergir de si. Por isso, a compreensão sobre o que é o Ser precisa ser obtida a partir do seu testemunho, e evidentemente daquele que mais fala sobre ele, o testemunho mais evidente e não o mais oculto, o mais desenvolvido e não o menos desenvolvido, o mais pleno e não o mais pobre – portanto, o testemunho “mais elevado” a que tivermos acesso.<sup>13</sup>

Como isso notamos que a própria natureza se mostra o que ela é, como também seus valores. Ela faz auto testemunho, a fim de que entendamos a partir dela mesma seu valor que é imanente. Essa ideia de Ser está diretamente ligada à compreensão de existência, e com isso podemos afirmar que tudo do além humano possui também direito à vida. Atribuir direitos à natureza consiste também na afirmação do Ser e um “não” enfático ao não-Ser. A oscilação entre essas duas instâncias Ser e não-Ser que se traduz na contraposição entre vida e morte, é que nos permite desvendar o “sim” da vida a qual “é essa confrontação explícita do Ser com o não-Ser”<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> JONAS, 2006, p. 134.

<sup>14</sup> Idem, p. 152.

## 3 O PROBLEMA DA LIBERDADE

### 3.1. O limite da liberdade do homem

O homem é um ente que se diferencia em muito das outras formas de vida; ele possui uma racionalidade exuberante como também é o único detentor da capacidade de fazer suas escolhas de forma consciente, ou seja, somente o homem possui o que aqui iremos chamar de vontade, algo que está adiante da naturalidade:

[...] o homem não é mais um ente desligado das demais formas de vida e do reino orgânico em geral, mas apenas uma forma mais acabada do desenvolvimento vital, no qual a liberdade atinge um grau superior apenas na medida em que tenha emergido já nas suas formas mais primitivas.<sup>15</sup>

Mas a pergunta que emerge, para que venhamos dar um direcionamento à nossa investigação neste novo momento, é: “quais são os limites da liberdade do homem?” Principalmente em se tratando de sua relação com as outras formas de vida, sendo que o homem é “aquele que tem a primazia”. Como fazer com que tal condição excêntrica, juntamente com essa liberdade de juízo que não é somente sobre si, mas também sobre todas as outras formas de vida a seu redor, não venha a fazer que o homem num ato, ou através de vários atos de irresponsabilidade, mediante tamanho poder, acabe de uma vez por todas com a vida autêntica no planeta e até mesmo com a ideia de ser?

45

A liberdade do homem não deve ser em hipótese alguma a causa de sua autodestruição e de toda vida. Essa liberdade deve ser uma capacidade usada pelo homem para afirmação da vida, e não à sua negação. Porém, exatamente por ser livre o homem é também um ente de possibilidade, ao mesmo tempo em que ele, por meio da liberdade, faz a afirmação de si, ele também pode ser o agente destruidor dessa mesma vida por intermédio dessa mesma liberdade.

A capacidade racional e a liberdade não são apenas características básicas que pertencem ao homem, são instâncias que o torna diferente, com a possibilidade de autenticidade. Somente ele mesmo pode ser tido como esse ser autêntico, e isso somente é possível em utilização dessa que tem para a projeção do sim da vida e do ser.

Esse “sim” que atua cegamente adquire uma força obrigatória em virtude da liberdade lúcida do homem, o qual, como resultado supremo do trabalho finalista da natureza, não somente é o continuador da obra desta, mas pode converter-se

---

<sup>15</sup> OLIVEIRA, Jelson. *A transanimalidade do homem: uma premissa do princípio responsabilidade*, in: SANTOS (org.), 2011, p. 43.

também em seu destruidor graças ao poder que o conhecimento lhe proporciona<sup>16</sup>.

É possível notar que no mesmo momento em que o homem pode ser o agente principal do sim da vida, através do poder de sua ação que é livre, ele também pode ser o principal agente destruidor. E isso pode vir a acontecer no exato momento em que ele deixa de exercer sua liberdade com responsabilidade, e isso se dá quando o conhecimento deixa de ser um instrumento que é usado para a preservação da vida e se torna um meio para destruição da mesma.

Assim, a racionalidade do ser humano, como veremos, é expressão de sua plena liberdade e de seu maior risco – porque, no limite, a liberdade emerge como tentativa e desejo de desligamento da vida em relação à matéria inerte e, conseqüentemente, quanto mais desligada, mais a vida se torna suscetível aos perigos de sua própria extinção (...) essa liberdade exige o exercício da responsabilidade, dado o poder imenso que o ser humano, pela via da técnica amparada pela compreensão materialista da vida, adquiriu nos últimos anos<sup>17</sup>.

46 | Ao exercer a liberdade, o homem deve ter a compreensão de que ele não é um ente solitário, pois ele é e faz parte de uma sociedade política, não somente uma coletividade humana, mas uma coletividade composta de diversas formas de vida onde uma é dependente da outra. Na ação humana é preciso levar em consideração todas as possibilidades de conseqüências, e também é preciso tomar conhecimento da ideia maior de vida, pois suas ações não afetam apenas a si próprio, mas afeta a vida e isso inclui a natureza e a existência futura da própria humanidade. Pois, como é afirmado por Jonas:

O futuro da humanidade é o primeiro dever do comportamento coletivo humano na idade da civilização técnica que se tornou “todo-poderosa” no que tange ao seu potencial de destruição. Esse futuro da humanidade inclui, obviamente, o futuro da natureza como sua condição *sine qua non*<sup>18</sup>.

A partir do citado acima é possível inferir que a condição de “liberdade,” juntamente com a de “superioridade,” deve necessariamente respeitar a permanência de vida autêntica no planeta, pois tanto a liberdade quanto a responsabilidade precisam compor um agir que tem como finalidade a preservação da vida.

---

<sup>16</sup> JONAS, 2006, p. 152.

<sup>17</sup> OLIVEIRA, Jelson. *A transanimalidade do homem: uma premissa do princípio responsabilidade*, in: SANTOS (org.), 2011, p. 43.

<sup>18</sup> Idem, p. 229.

### 3.2. Liberdade em favor da vida

O que se quer chamar atenção é que a liberdade do agir humano precisa ter exatamente como limite a responsabilidade com a vida e com o Ser. É indiscutivelmente neste ponto que a liberdade humana necessita impor a si própria o seu limite, algo que até então não tem acontecido através das postulações das éticas anteriores. E é aqui que se pode identificar um dos problemas que tais éticas não conseguiram abarcar e que a postulação ética de Jonas se propõe a fazê-lo. As éticas tradicionais parecem não terem percebido a significação das consequências que podem ser geradas por meio do mal uso da liberdade no agir. Não perceberam que a ação livre é capaz tanto de apontar para afirmação da existência quanto para a negação da mesma. “O privilégio da liberdade carrega em seus ombros o fardo da necessidade, e significa existência em risco”<sup>19</sup>. Porém, essa condição paradoxal que é apontada pelo próprio Jonas deve ser vista como um artifício que possibilita ao homem agir de forma responsável, pois ao levar em consideração tal risco, a possibilidade da não-existência, é que o agir humano pode ser ao mesmo modo livre e responsável. Daí o inferir que:

(...) o não-ser entrou no mundo como uma alternativa contida no próprio ser; e só assim o “ser” alcança um sentido mais claro: afetado no mais íntimo de si pela ameaça de sua própria negação, o ser tem que afirmar-se, e um ser afirmado é existência como desejo. Tão constitutiva para a vida é a possibilidade do não-ser, que seu ser é, como tal, essencialmente um estar suspenso sobre este abismo, um traço ao longo de sua margem.<sup>20</sup>

47

Se levarmos em consideração, por exemplo, a máxima do imperativo categórico kantiano que diz “*Aja de modo que tu também possas querer que a tua máxima se torne em lei geral*”<sup>21</sup> é possível ver que tal formulação ética é ao mesmo tempo imediatista e antropocêntrica, pois não esboça claramente um caráter futurista, mas sim uma proposta que visa o presente, e também é racionalista que se apresenta com certa dependência e centralidade na figura do homem. Disto pode-se dizer que o homem é livre para agir, porém tal agir moral não pode entrar em contradição com essa máxima, essa lei universal que se encontra no sistema ético apresentado por Kant.

---

<sup>19</sup> JONAS, 2004, p. 14.

<sup>20</sup> Idem.

<sup>21</sup> OLIVEIRA, Jelson. *A transanimalidade do homem: uma premissa do princípio responsabilidade*, in: SANTOS (org.), 2011, p. 47.

Ao reformulá-lo, Jonas o propõe da seguinte maneira; “*Aja de modo a que os efeitos da tua ação não sejam destrutivos para a possibilidade futura de uma tal vida*”<sup>22</sup>. A lei moral kantiana tem como ponto central o homem, tanto ele é o agente passivo quanto o ativo, diferentemente da reformulação jonasiana que apresenta como centro não homem, mas sim a vida. Daí então se vê que o limite da liberdade se torna a integridade da vida, a preocupação maior sai da circunferência do homem e se volta para a ideia de Ser que diz respeito não somente à essência do homem, mas à toda amplitude da vida. Daí a concordância com o que escreveu Manfredo de Oliveira a respeito da teleologia da ética jonasiana:

A preservação de uma tal essência constitui o dever basilar da ética da responsabilidade, no sentido que lhe atribui Hans Jonas, uma ética que concorre com a utopia e os utopismos para o dimensionamento futuro da sociedade política. Sua pretensão não é, *prima facie*, a transformação do homem por intermédio da transformação das relações sociais, mas a preservação da sua essência ou conceito contra os assaltos e desmedidas de seu próprio poder.<sup>23</sup>

48 | A liberdade, tal qual a capacidade cognitiva, de fato é uma condição da essência do homem. O agir do homem é envolto de possibilidades e tal posição ocupada pela humanidade é o que dá ditames para refletir a respeito do limite da liberdade moral. É necessário entender que o fato de o homem ser o ente da possibilidade não significa que este deva agir de toda e qualquer maneira. Apesar de ser possível, não se constitui como dever do homem agir em prol da destruição da vida, essa liberdade no agir precisa ser moldada a esse limite. O agir humano deve ser sempre um agir reflexivo e responsável. Essa afirmação é apontada pelo próprio Jonas da seguinte maneira: “É prerrogativa da liberdade humana poder dizer não ao mundo”<sup>24</sup>. Com isso não é possível afirmar que diante de tamanha possibilidade o homem venha sempre a exercer sua liberdade em favor de si próprio, é certo que deve haver decisões em favor da natureza, em favor também da vida. Se o ente humano possui obrigações morais em relação à vida, também é possível dizer que deva haver tais obrigações em relação à natureza.

---

<sup>22</sup> Idem.

<sup>23</sup> JUNIOR, Oswaldo Giacoia. *Hans Jonas: o princípio reponsabilidade*, in: OLIVEIRA (org.), 2000, p. 195.

<sup>24</sup> JONAS, 2006, p. 144.

## 4 SER, DEVER-SER E VIDA

### 4.1. A vida como bem a ser buscado

Desde que houve a grande ascensão da ciência e também ao mesmo tempo da técnica, fato esse que tem tornado o mundo ainda mais capitalista, tem havido grande inversão dos ditos valores morais: não mais a vida ou o ser tem sido o fim das ações humanas, porém o próprio homem tem feito de si mesmo o fim de suas ações. Aqueles que verdadeiramente consistem em reais valores para o homem tem se tornado valores de segunda ordem; a técnica e a ciência parecem estar cegando a racionalidade humana, pois ele mesmo não tem conseguido valorizar a si próprio como ente que possui vida.

A discussão proposta por Jonas, no âmbito da vida, é de cunho ontológico. Quando se trata de “bem” e de “valor” o Ser é possuidor de tais valores independente de quaisquer atribuições externas que é exatamente o que se quer evitar, algo que também é facilmente identificado nas propostas éticas anteriores. Como por exemplo, na ética cristã o dever é envolto pela vontade de um Ser divino, o fazer e o deixar de fazer, assim como o valor de toda e qualquer ação, são determinados pela vontade desse Ser supremo. Jonas afirma que: um “imperativo” pode emanar não apenas de uma vontade dominadora – por exemplo, de um Deus pessoal –, mas também de uma demanda imanente daquilo que é bom por si mesmo, que deve realizar-se<sup>25</sup>.

Como isso ele está mostrando que o Ser (a vida) possui valor intrínseco, não há uma tentativa de atribuição de valor à vida para que haja conseqüentemente a tentativa de formulação de sua ética, mas esse dever em relação à vida é um dever natural, a vida possui um fim em si mesma.

Esse valor que a vida possui fica ofuscado a partir do momento que o homem passa a valorizar outras coisas em detrimento dela. E acontecendo isso ele faz da vida um meio e não o fim. Esse estado se estabeleceu, podemos assim dizer, desde que houve a grande revolução industrial, momento esse que é caracterizado pelo ápice do estabelecimento do ambiente capitalista o qual talvez venha a ser o maior causador dessa inversão de valores. A vida não mais é um fim, agora ela passa a ser um meio, mero objeto do capitalismo, da técnica e da ciência. Então, chega-se à vertente de que o homem precisa fazer é assumir uma postura de reflexão ética a respeito do que realmente possui valor, já que um dos objetivos da ética é a investigação a respeito dos valores morais. Cabe

---

<sup>25</sup> Idem, p. 149.

ao homem entender-se como o ser da possibilidade que está sempre a transitar por entre vias de polaridades contrárias, dentre as quais a principal delas é a afirmação *versus* a negação da vida. Porém, o homem necessita de compreender que a vida não pode ser objeto de apostas e sujeita a riscos de toda espécie como, por exemplo, a não preocupação com as futuras gerações e com as demais formas de vida. É necessário o entendimento de que a vida não pode estar sujeita a meros valores morais centrados apenas no homem, como acontece nas demais propostas éticas, mas sim que esta transcende tais valores e que a vida é um bem detentora de valor intrínseco e seu valor se mostra exatamente em sua afirmação ou/e em sua negação. Jonas aponta o seguinte:

“o ser é sob todos os aspectos um fato polar, e a vida manifesta sem cessar esta polaridade nas antíteses básicas que determinam sua existência (...). Se conseguirmos mostrar a presença de uma tal transcendência e das polaridades que a articulam já na própria base da vida, por mais rudimentar e pré-espiritual que seja sua forma, teremos tornado verdadeira a afirmação de que o *espírito se encontra prefigurado na existência orgânica como tal*.<sup>26</sup>

#### 4.2. O dever moral do homem à vida

50 Em uma de suas obras, *Ética, medicina e técnica*, Hans Jonas levanta uma significativa discussão ético-filosófica onde coloca em questionamento o fato de o próprio homem vir a ser objeto da técnica como sendo uma prerrogativa para o progresso científico<sup>27</sup>. Dentro desta discussão a pergunta que é levantada, e que diz respeito não somente ao homem, mas também a todas as outras formas de vida é: até que ponto o homem, e todas as outras formas de vida, pode se deixar ser objeto de estudo ou de experiências para o aprimoramento da técnica? Sendo que a função da ciência e da técnica é se colocar em favor da vida. Pois aqui é possível notar dois aspectos: o primeiro vê o aprimoramento da técnica e da ciência como um meio que visa um fim nobre, que é a melhor comodidade da vida, é a ciência sendo cada vez mais aprimorada para melhor servir ao homem e a natureza, é o que chamam de evolução. Por outro lado, tem-se o aspecto da inversão dos valores, onde o homem é apenas um meio não para a evolução do homem, mas para a evolução da ciência, para o aprimoramento da técnica.

Tal situação que é posta configura-se num grande paradigma onde a ética fica num ponto acentuadamente crítico. Pois, de um lado tem-se a preocupação

---

<sup>26</sup> JONAS, 2004, p. 15. (Grifo nosso)

<sup>27</sup> JONAS, 1994, p. 117.

que aparentemente parece ser restrita à humanidade que é exatamente a preocupação no bem estar do homem, e essa é uma condição que não se pode deixar de lado, o homem não deve se tornar um ente que viva em função da natureza, isso seria o outro extremo. A proposta apresentada se propõe a encontrar o meio termo, no qual ambos, homem e natureza, sejam beneficiados a fim de que a vida seja mantida. Porém, não se pode abrir mão da vida do homem em favor da preservação de outras formas de vidas. E, por outro lado, o homem não pode fazer do meio ambiente objeto de seus desejos, vontades e interesses. A vida é que necessita de ser valorizada, e a vida é algo que está para além dos ideais do ser humano. A valorização da vida exige não que o homem tenha a primazia nem que o meio ambiente tenha maior importância, nem mesmo que um venha a ser beneficiado em detrimento da ruína do outro. Antes, a visão apresentada, como mostra Jonas,

(...) tira o homem do centro das preocupações e quer trazer o ambiente para o foco principal, sem é claro, desconsiderar o primeiro, mas conseguindo definir preocupações que não atinjam-no de modo direto, somente com parte do meio. Nisso encontra-se o grande desafio de como atribuir importância à preservação dos animais, das espécies, das árvores e do ecossistema, sem considerarmos os interesses dos seres humanos, sejam eles econômicos, de lazer ou científicos<sup>28</sup>.

51

Com isso, a necessidade do sentimento de responsabilidade não somente deve estar voltada para o homem, porém a natureza deve estar inclusa nas ações a serem executadas pela humanidade. O risco do desastre ambiental, assim como o risco da não-vida, deve ser algo a ser temido pelo homem, pois é a partir do sentimento do medo mediante a possibilidade do desastre que o homem encontra um dispositivo com possibilidades de tornar ainda mais responsável sua ação.

## **5 O MEDO COMO IMPORTANTE INSTRUMENTO HEURÍSTICO À ÉTICA DA RESPONSABILIDADE**

### **5.1. O temor pode direcionar um agir diferente**

A heurística do medo consiste numa das principais propriedades que irá, a partir da perspectiva desse novo agir, transitar entre as instâncias da previsão da capacidade do poderio humano e, conseqüentemente, de sua ação.

---

<sup>28</sup> FÉRRIZ, José Luiz Sepúlveda et. al. *Valorização da vida na ética ambiental*. Campina Grande, Paraíba: Universidade do Vale do Paraíba, 2009. Disponível em: < <http://http://www.cdcc.usp.br/cda/sessao-astronomia/sessao-astronomia-padrao/referencia-bibliografica-ufrgs.htm> > Acessado em: 26 de jul. 2012.

Este dispositivo do medo que se projeta mais intensificamente a partir da análise futurística servirá como um dos principais instrumentos que dará aparato para um agir responsável, pois o medo é um sentimento capaz direcionar e possibilitar um agir responsável. O medo, geralmente é tido como um “sentimento ruim” agora é apresentado de outra forma, sendo um dispositivo que serve como via de acesso a um prognóstico capaz de resgatar o homem da ação irresponsável, capaz de colocar no homem um temor não egoísta que não é sinônimo de covardia, mas um sentimento de medo congruente ao sentimento de angústia, estado de preocupação e alerta diante do desconhecido que pode destruir a possibilidade de vida. Tal sentimento se distancia de seu uso secular que dá ao homem o *status* de covarde.

De nossa parte, não tememos a acusação de pusilanimidade ou de negatividade, ao declararmos tal tipo de medo como uma obrigação, que naturalmente deve estar sempre acompanhado da esperança (de evitar o mal). Medo, mas não covardia; talvez mesmo angústia, mas não ansiedade; em nenhum caso, medo ou angústia em causa própria. Desviar-se do caminho onde se encontre a angústia, isso sim seria ansiedade<sup>29</sup>.

52

No mundo *pós-moderno* é claro e evidente o quanto a técnica e a ciência tem evoluído e que também, ao mesmo modo, o quanto a capacidade do homem de domínio sobre essas novas grandezas, como também das consequências que estas trazem tem se tornado cada vez mais limitada. Desproporcional a esse crescimento, o incrível poder de criação humana não supre sua necessidade de controle sobre o que ele cria. Levando em consideração o aspecto ético neste novo contexto científico e tecnológico, no qual o homem se vê inserido, a partir dessa ascensão da técnica moderna, em que cada vez mais a técnica sobrepuja a capacidade moral humana, Jonas aponta para algo muito interessante ao colocar que:

o triunfo do *homo faber* sobre o seu objeto externo significa, ao mesmo tempo, o seu triunfo na constituição interna do *homo sapiens*, do qual outrora costumava ser uma parte servil. (...) mesmo desconsiderando suas obras objetivas, a tecnologia assume um significado ético por causa do lugar central que ela ocupa subjetivamente nos fins da vida humana<sup>30</sup>.

Isso significa que a técnica não mais consiste em um mero meio capaz de proporcionar ao homem o crescimento, pois, até então, não importava quando e como esta técnica era manipulada pelo homem, em nada ela podia afetar o

---

<sup>29</sup>JONAS, 2006, p.352.

<sup>30</sup> Idem, p. 43.

homem moralmente, isto era uma instância impensável. Foi exatamente o mal estar estabelecido mediante o medo do poderio do avanço da técnica e da ciência, como também o entendimento da limitação e fragilidade humana, que este veio a perceber o quanto essa relação do homem com a técnica e com a ciência é acentuadamente perigosa, capaz não somente de modificar o modo de agir humano, mas até mesmo levá-lo à sua autodestruição. Esse poderio adquirido pelo homem, quando utilizado de forma irresponsável, tem significado, a partir deste ponto de vista, a sentença de condenação do próprio homem e também de todas as outras formas de vida. A civilização tecnológica mais do que qualquer outra tem em suas mãos um poder de proporções e dimensões incalculáveis. “O perigo emergente desse superdimensionamento da civilização tecnológica em escala planetária é o apocalipse de uma catástrofe universal, plausivelmente cogitável (...)”<sup>31</sup> Ou seja, isso tem por implicação que cabe ao homem, dentro de seu agir, levar em consideração todas as possibilidades, pois sua capacidade de poder exige que assim seja, já que esta coloca em risco também sua própria existência.

É importante entender que a técnica deve estar a serviço do homem e não o homem subjugado a ela. É preciso atentar-se para os riscos que pode estar sujeito ao assumir a postura de objeto da técnica, pois quanto mais tenta manipulá-la, mais ele se subjugava a ela. Cada passo que é dado rumo a novas descobertas tecnológicas e científicas, cada avanço ensina que a necessidade do agir responsável é imprescindível, pois se diz que toda essa transformação da técnica tem como finalidade tornar ainda mais cômoda a vida do homem e isso faz com que a própria vida se torne objeto de estudo, de experimento, o que acaba fazendo com que a possibilidade da não-vida seja cada vez mais uma realidade e “assim podemos entender que a vida considerada como experimento envolvendo apostas e riscos cada vez maiores, que com o destino do ser humano para a liberdade pode levar tanto à catástrofe quanto ao êxito”<sup>32</sup>.

## 5.2. O temor como dispositivo heurístico

Esse novo modo de vida do homem o obrigou a experimentar novas ações e novos sentimentos como, por exemplo, o sentimento de responsabilidade, pois caberia ao homem, como sendo o criador e manipulador da técnica, ou seja, o ser com possibilidade de autenticidade, o dever e obrigação de assumir

<sup>31</sup> JUNIOR, Oswaldo Giacoia. *Hans Jonas: o princípio reponsabilidade*, in: OLIVEIRA (org.), 2000, p. 203.

<sup>32</sup> JONAS, 2004, p. 8.

esse sentimento de responsabilidade em relação a si mesmo, como também em relação às outras formas de vida. O homem, por intermédio da técnica, tem conduzido o planeta à destruição, bem como a si mesmo à não-existência, e Jonas percebeu a necessidade de novas estratégias, de um novo modo de agir para interromper essa caminhada do destinada à destruição. E um importante artifício encontrado por Jonas para que viesse a ser usado pelo homem foi o da *heurística do temor*, um instrumento metodológico capaz de desviar a atenção do homem dos benefícios que proporcionam a técnica e colocá-lo em face dos malefícios; essa seria uma estratégia capaz de fazer o homem agora ponderar a respeito de suas ações, levando em conta os riscos da vida e do ser.

Jonas afirma que “a ameaça à imagem humana, como também de bens determinados, é algo necessário ao homem para que seja evocado o sentimento de responsabilidade”<sup>33</sup>. O sentimento de temor (ou medo) do desastre que pode ser causado pelo agir inconsequente, se torna um dispositivo que consegue fazer com que o homem pondere sobre suas ações, pois o temor do desconhecido, principalmente quando há a comprovação da possibilidade de que tal desconhecido seja altamente desastroso e destrutivo, faz que o homem, antes de tudo, se coloque num estado de reflexão. E é a heurística do temor um dos instrumentos que pode induzir o homem a despertar o sentimento de responsabilidade em seu agir moral para consigo mesmo como também para todo o ser.

Para atingir uma racionalidade responsável, capaz de manter a permanência de vida autêntica no planeta, é necessário ao homem que se utilize da imaginação em detrimento da prevenção catastrófica de suas ações.

Em suma, uma vez que a ameaça se encontra no futuro, a imaginação é a única faculdade de conhecimento capaz de mobilizar o temor. A imaginação tem a função de ‘explorar a catástrofe’, isto é, oferecer o *summum malum*, e ao assim fazer ela pode apontar aquilo que não é desejável, mobilizando o sentimento adequado para a ação responsável. Mais ainda: uma vez que a ameaça real não nos é chegada, o poder da imaginação deve ser invocado intencionalmente: devemos produzir o temor deliberadamente. Assim, a heurística do temor se estabelece como a ativação proposital do temor como um procedimento heurístico por meio da imaginação em suas construções futurológicas que permitem prever o *malum* ameaçante<sup>34</sup>.

---

<sup>33</sup> JONAS, 2006, p. 70.

<sup>34</sup> LOPES, Wendell Evangelista Soares. *Sobre a fundamentação da ética: o sentimento de responsabilidade em Hans Jonas*, in: SANTOS (org.), 2011, p.142.

Indiscutivelmente é possível notar que tanto no *Princípio Vida* quanto no *Princípio Responsabilidade* uma das maiores preocupações de Jonas, ao propor um novo modo de agir, não está exatamente em como estruturar esse novo agir, nem em abandonar os sistemas éticos morais anteriores, apesar de criticá-los. Mas uma de suas mais relevantes preocupações, antes de tudo, consiste em definir um modo de como preservar a vida, em um modo para manter a integridade do ser, e decorrente disso implica-se em como estruturar um novo agir que dê conta de suprir com tal preocupação maior, bem como na reformulação dos imperativos éticos anteriores.

Portanto, há necessidade de haver o sentimento de responsabilidade, o agir responsável partindo do homem. Porém, como atingir tal modo de vida é que consiste num problema para essa nova proposta e é então que a heurística do temor entra em cena como dispositivo que se propõe a evocar tal sentimento, o da responsabilidade. Então é possível afirmar que a responsabilidade é um ponto chave em todo esse processo de transição ético e moral que possuem como pano de fundo o avanço tecnológico e científico.

## 6 CONCLUSÃO

Num primeiro momento é possível concluir que a preocupação desse novo agir está exatamente focalizada na preservação de vida autêntica no planeta que a finalidade dessa nova proposta, de acordo com o que aqui foi abordado, consiste em harmonizar o exercício do agir moral livre levando em consideração o sentimento de responsabilidade para assim desembocar no que Jonas chama de vida autêntica no planeta. E não somente esse tipo de vida, a vida autêntica, mas sua preocupação ética está voltada para o Ser, o existir. Pois esse novo agir que é marcado por um novo contexto da história, está proposto em se preocupar não somente com a vida do homem, como acontece nas éticas tradicionais, mas ele deve ser diferenciado, deve estar para além de qualquer tipo de antropocentricidade. Com isso, Jonas não está cancelando totalmente as éticas tradicionais, ele somente aponta a insuficiência delas, pois o dever moral do homem para a vida exige dele esse novo modo de agir que se preocupe com a vida das presentes e futuras gerações.

A vida, além de ser um bem em si, consiste no bem maior que há e o homem, como ente capaz de exercer sua liberdade de forma significativa sobre as outras formas de vida, é aquele que detém a responsabilidade sobre todas as outras formas de vida. Por isso a afirmação de que sobre vários aspectos o sim da vida é dependente do agir humano e de sua livre vontade. Que essa liberdade

só pode ser um bem se exercida de forma responsável, caso contrário ela pode ser capaz até mesmo de causar a destruição do próprio homem, como também de todas as formas de vida no planeta. O próprio Jonas nos esclarece, por exemplo, que “a natureza cultiva finalidades ou objetivos (...), independentemente da forma como ela estabelece suas finalidades e as persegue, alcançá-las constitui em bem e fracassar constitui um mal”<sup>35</sup>. Ora, isso que acontece à natureza, por exemplo, aos animais os quais em seu agir são movidos por um esquema de estimulações instintivas que fluem naturalmente em favor da vida. Porém, o homem é um ser que faz uso da vontade e sua afirmação à vida não é apenas instintiva, seu agir possui o peso do dever.

Esse “sim” que atua cegamente adquire uma força obrigatória em virtude da liberdade lúcida do homem, o qual, como resultado supremo do trabalho finalista da natureza, não somente é um continuador desta, mas pode converter-se também em seu destruidor, graças ao poder que o conhecimento lhe proporciona<sup>36</sup>.

Com isso a conclusão final é que o agir responsável a ser procedente da livre vontade do homem é, sem dúvida alguma, necessário à afirmação da vida. E também que ao se tratar de um dever, no que diz respeito a esse novo agir, se faz necessário a afirmação de que o dever é uma exigência que está implícita no Ser e que traz o sentimento de responsabilidade com a vida no sentido mais amplo do termo. “Se somos responsáveis pelo Ser, somos responsáveis pelo futuro que ainda não existe, mas está projetado pela continuidade do direito de ser e estar no mundo”<sup>37</sup>.

Por fim, o uso do dispositivo heurístico do medo aparece como uma peça importante à fundamentação desse novo agir que tem como princípio fundamental a responsabilidade. Pois essa heurística consiste num possível meio que possibilitará ao homem ponderar a respeito da capacidade do poder de sua ação, já que a técnica apresenta problemas que são ao mesmo tempo imprevisíveis e perigosos. Porém, o sentimento de temor não visa suprimir a ação humana, mas busca promover a ação responsável e o zelo pela vida.

A teoria ética precisa tanto da representação do mal quanto da representação do bem, e mais ainda quando este último se tornou tão borrado ao nosso olhar, necessitando ser ameaçado pela antevisão de novos males, para ganhar alguma nitidez<sup>38</sup>.

---

<sup>35</sup> Jonas, 2006, p. 149.

<sup>36</sup> Idem, p. 152.

<sup>37</sup> Bettestin; Ghiggi, 2010, p. 80.

<sup>38</sup> Jonas, 2006, p. 352.

Ou seja, o uso desse dispositivo metodológico não simplesmente é capaz de revelar as possibilidades de benefícios e malefícios que podem ser gerados como produto da ação humana, seu uso também contribuirá para que o agir do homem se situe ainda mais no âmbito da responsabilidade. O medo torna possível o exercício de algo que é fundamental em toda filosofia e ainda mais à ética, na qual a reflexão sobre a ação se dá em função do destino da vida.

## REFERÊNCIAS

BETTESTIN, Cláudia; GHIGGI, Gomercindo. O princípio responsabilidade de Hans Jonas: um princípio ético para os novos tempos. **Thaumazein, Ano III, número 06, Santa Maria (Outubro de 2010)**, p. 69-85.

DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso; ou progresso como ideologia**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FÉRRIZ, José Luiz Sepúlveda et. al. **Valorização da vida na ética ambiental**. Campina Grande, Paraíba: Universidade do Vale do Paraíba, 2009. Disponível em: <[http://http://www.cdcc.usp.br/cda/sessao-astronomia/sessao-astronomia-padrao/referencia\\_bibliografica-ufrgs.htm](http://www.cdcc.usp.br/cda/sessao-astronomia/sessao-astronomia-padrao/referencia_bibliografica-ufrgs.htm)> Acessado em: 26 de jul. 2012.

JAMIESON, Dale. **Ética e meio ambiente: uma introdução**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2010.

JONAS, Hans. **Ética, medicina e técnica**. Trad. António Fernando Cascais. Lisboa: Vega, 1994.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**. Rio de Janeiro: Contraponto/ ed. PUC- Rio, 2006.

JONAS, Hans. **O princípio vida: fundamentos para uma biologia filosófica**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

OLIVEIRA, Manfredo A. de (org.). **Correntes fundamentais da ética contemporânea**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SANTOS, R.; Jelson Oliveira, Lourenço Zancanaro (orgs.). **Ética para a civilização tecnológica: em diálogo com Hans Jonas**. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2011. p. 129-153.